

REMANSO: A COEXISTÊNCIA DE TEMPOS/ ESPAÇOS

Rosicleide Alves Moura¹

RESUMO:

O artigo privilegia o cotidiano e, através deste, resgata a história de vida, reproduzida no presente, como experiência para a vida. Aborda a construção da UHE de Sobradinho, cujo lago desalojou milhares de pessoas do Norte baiano, uma das áreas mais secas do Sertão Nordestino. Procura reconstituir aquele espaço de vida, sustentado na combinação rio-vazante-lagoas-caatinga pela sabedoria, solidariedade, sociabilidade e outros traços da identidade sertaneja. Como o Estado promove o desenvolvimento desigual e o desencontro das temporalidades; como as famílias em outros espaços/tempos vividos produzem e reproduzem novas/velhas relações sociais, criando o novo no velho, renovando-o, inovando. Destaca, por fim, a inovação como possibilidade de uma práxis transformadora, pelo resgate de memórias plurais dos excluídos, reafirmando-os como sujeitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE:

cotidiano história de vida espaço vivido história práxis transformadora.

RÉSUMÉ:

Cet article met en valeur le quotidien et, ainsi, récupère l'histoire de vie, en la reproduisant dans le présent, comme une expérience pour la vie. Il parle de la construction de l' UHE de Sobradinho dont le lac a expulsé des milliers d' habitants du Nord baianais, l' une des régions les plus sèches du Sertão Nordestino. Il cherche à reconstituer cet espace de vie, soutenu par la combinaison fleuve-plaine-lacs-caatinga, grâce au savoir-faire, à la solidarité, à la sociabilité et à d'autres traits de l' identité "sertaneja". Comment l' État est le responsable por le développement inégal et des divergences des temporalités; comment les familles dans d' autres espaces/temps vécus produisent et reproduisent de nouvelles/vieilles relations sociales, en créant le nouveau dans le vieux en le renouvelant, en l' innovant. Enfin, cet article attire l' attention sur l'innovation comme possibilité d' une praxis transformatrice à travers la reprise des mémoires de ceux qui ont été expulsés en les réaffirmant comme des êtres sociaux.

MOTS-CLÉS:

quotidien histoire de vie espace vécu histoire praxis transformatrice.

O presente trabalho irá privilegiar um aspecto fundamental da vida humana: o cotidiano e, através deste, resgatar a história passada, reproduzida no presente, como experiências para a vida. O passado que se conhece a partir do presente, para pensar o presente e projetar o futuro. O caminho está, pois, na história e historicidade, sem cair no historicismo. (Lefebvre, 1971, p.242.).

A vontade de realizar esta pesquisa nasceu em 1983, quando tinha 13 anos e quando, pela primeira vez logo após a morte de minha mãe, voltei ao local onde nasci e de onde saí com apenas 01 ano de idade, o município de Remanso, Bahia.

Toda minha vida, na cidade de São Paulo, nas reuniões freqüentes de família, ouvira histórias sobre Remanso. Era como se os acontecimentos do

passado fizessem parte integrante das nossas vidas no presente.

Por isso, nos quinze dias que passei em Remanso, em 1983, fui invadida por uma enorme tristeza, pois procurava, em vão, a fazenda da qual minha mãe e meu avô tanto falavam, contando histórias que aconteciam nos rios, no campo, as festas que eram realizadas na fazenda e que duravam a noite toda, quando não, dias. Os batizados que aconteciam todos na fazenda, a casa da farinha, o gado, as árvores, frutas, tudo tinha desaparecido. A igreja da padroeira da cidade, na qual minha mãe tanta fé tinha, também não existia mais.

¹ Pós-graduanda do Departamento de Geografia da USP.

Só então tomei consciência de que a cidade em que nasci, e que não conhecia, nunca mais iria conhecer, pois estava debaixo das águas represadas do Rio São Francisco, formando o imenso lago da Barragem de Sobradinho.

Eu que conhecia Remanso apenas por histórias, já me sentia privada de algo que era meu, e comecei a entender melhor o cotidiano da minha família e de tantas outras, e a compreender um pouco mais meus sentimentos em relação a Remanso. Quando estive na cidade, foi como se tivessem tirado a minha casa, a qual, através de histórias e pela minha memória, já conhecia cada detalhe.

Uma das minhas preocupações como pesquisadora que trabalha no seu local de origem era separar minha prática científica da minha afetividade, pois corria o risco de olhar apenas por um prisma ou supervalorizar alguns fatos e assim mascarar a realidade como um todo.

Mas, no decorrer do trabalho, percebi que a minha vivência só me ajudava a analisar melhor as entrevistas e a bibliografia consultada e que, na verdade, é impossível fazer esta separação, porque todo pesquisador tem seu próprio ponto de vista, que vem da sua história de vida. Por isso procurei ampliar meus conhecimentos tanto do ponto de vista da cidadã como da pesquisadora, pois um completa o outro.

Portanto, esta pesquisa nasceu da minha vivência e da de meus familiares, com o resgate da história através da memória, mesmo com toda dificuldade que esta apresenta, pois, segundo José de Souza Martins

“... Pressuponho que a memória oculta mais do que revela, pois revela omitindo e deformando. Mas, ao mesmo tempo, proclamo que a memória é um meio de afirmação dos que foram “excluídos” do fazer História. Por meio dela, declaram-se sujeitos e não só agentes do trabalho, peças de máquina, instrumentos da produção. Sujeitos de suas idéias e de suas lembranças. Por meio da memória dão ao pequeno fato a dimensão do acontecimento. E, por aí, no fim, afirmam também o seu desencontro com a História, sua própria história.” (Martins, 1992, p.19.)

Mas foi preciso um trabalho intenso de levantamento e leitura bibliográfica sobre Sobradinho. Foi com surpresa e perplexidade que, conforme ia lendo sobre o processo de mudança da população, na construção da barragem de Sobradinho, fui me inteirando da violência e abrangência deste processo, muito maior do que eu havia pensado.

A coexistência de tempos e espaços nos liga à construção de Lefebvre, para quem “Um espaço é a inscrição de um mundo de um tempo.” (1971, p.211). Por isso, trabalhar com a história passada é compreender parte da produção do espaço atual, pois a história não se perde, se reproduz se transforma no espaço vivido pelo homem.

Espero colocar alguns aspectos da vida cotidiana dos moradores de Remanso (BA), e dos remansenses na cidade de São Paulo, resgatando, com isto, parte da história vivida. Através desta, esperamos compreender e valorizar suas práticas sociais.

Os elementos que influenciam o cotidiano nesses diferentes lugares ligados pelos liames históricos são maiores do que se possa abordar neste texto. O que se pretende com este, na verdade, é suscitar o debate, que vise compreender as transformações no modo de vida, no cotidiano das pessoas e também resgatar o sentido das práticas sociais concretas, em prol de um cotidiano menos sofrido, mais igualitário e solidário.

Para entender o presente, temos que resgatar o passado, sem perder de vista que quando retornamos ao passado já partimos de um presente determinado; portanto, quando recuperamos a história, o fazemos com uma concepção do presente. Nesta relação passado e presente, tento entender, hoje, a produção e reprodução do espaço em Remanso e em São Paulo, entendendo produção no sentido amplo, filosófico, produção da vida humana, através das práticas sociais (Lefebvre, 1974, pg.11).

Meus parentes moravam e moram, na medida do possível, todos perto uns dos outros na cidade de São Paulo e, nos fins de semana, ou quando a família se reúne, os acontecimentos mais falados e comentados são referentes a Remanso. Minhas tias na verdade vivem em São Paulo, mas tentam, principalmente através da memória e da comunicação via carta, resgatar um pouco da vivência que tiveram em Remanso, mesmo sabendo que muitos dos locais a que se referem não existem mais.

Só conseguimos compreender esta sociabilidade de minha família se recuperarmos a história de vida pela qual passaram. Para isto é preciso resgatar o cotidiano de suas vidas em São Paulo e o processo histórico da cidade de Remanso, juntamente com as relações sociais atuais.

Remanso situa-se no norte do Estado da Bahia, uma das áreas mais secas, inteiramente dentro do chamado “Polígono das secas”. As atividades econômicas que sempre ocuparam o maior número de

peças foram a agricultura, pecuária e a sivicultura, sendo estas as principais atividades econômicas do município. Remanso teve seu destino traçado em 1971, quando o Estado tomou a decisão de executar o "Projeto Sobradinho", que consistia na construção da barragem de Sobradinho, que formou um lago de 370 Km de extensão com uma largura de até 40 Km e uma cota máxima de 392,5 m e inundou uma área de 4214 Km², desalojando 72.000 pessoas e deixando submersas as sedes municipais de Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e dezenas de distritos, povoados, fazendas, sítios e ilhas.

Segundo a bibliografia consultada e as entrevistas realizadas, este processo foi violento, pois os moradores não eram informados de nada do que ocorria e tão pouco do destino que os esperava.

A Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), seguindo a meta de um sistema de indenização a baixo custo, considerou como devolutas as terras que não estivessem tituladas e indenizou apenas as benfeitorias, para baratear o custo de sua obra. As pessoas que residiam ou tinham casa nas cidades a serem inundadas seriam transferidas para as novas cidades construídas de acordo com modelos homogêneos, elaborados por construtoras contratadas pela Chesf.

Em situação pior ficaram os habitantes do meio rural, pois sendo as terras na margem do lago desapropriadas, passaram a depender de programas a serem elaborados por órgãos do governo estadual, função atualmente assumida pela Emater-BA e pelo Incra.

A situação, de 1975/1976, era de um desprezo total pelos habitantes do local, como se realmente estes não soubessem opinar sobre seu destino. Para a Chesf a importância da população era tão pequena que não valeria a pena dar-lhe maiores explicações.

Esta situação ficou comprovada pela bibliografia consultada e pela famosa carta datada de 1972, do Engenheiro Eunápio Peltier de Queirós, diretor de obras da Chesf e ex-constituente de 1946, dirigida ao presidente da Eletrobrás, na época Antonio Carlos Magalhães, na qual sua visão sobre a população é expressa através da concepção que faz da figura do "barranqueiro" típico, segundo ele, da região. Trata-se, de acordo com a carta,

"...de um pobre, subdesenvolvido, sem qualificação profissional, condicionado pelo rio, isolado, auto-suficiente, analfabeto, sem contatos com

os meios de comunicação de massa, limitado aos contatos com vizinhos e nas feiras, cuja mentalidade não pode evoluir, em suma um primitivo, sem poder aquisitivo, sem aspirações, conformado e dominado pelo pavor do desconhecido, um ser desvinculado culturalmente e economicamente do resto do país." (Sigaud, 1986, p. 24).

Diante desta percepção do Estado, não é de se espantar que, um ano antes da barragem ser concluída em 1975, a população nem ao menos soubesse até onde a água chegaria.

Conversando com a população, que hoje reside na cidade "Nova de Remanso" fica claro o quanto está presente na vida de cada habitante o processo da construção da barragem. Processo este que podemos recuperar pela memória ou observando o cotidiano das pessoas, recuperando, ao mesmo tempo, parte da história e da compreensão da produção do espaço da cidade.

Grande parte da população de Remanso atual veio do campo, e, segundo o IBGE, a população urbana que, em 1970, representava 30%, em 1990, passou para 52%. Um exemplo deste processo é o povoado do Riacho, onde morava minha família. Ficava a uns 150 Km da cidade velha de Remanso e também foi inundado. Neste povoado moravam, segundo levantamento da Centru, 07 famílias, sendo a maioria das famílias agregada, e não proprietária. Elas foram expulsas e indenizadas somente por casas de pau à pique que possuíam, algumas fruteiras permanentes e pequenas áreas plantadas com culturas de subsistência. (Centru, 1987, p. 51).

As famílias deste povoado, como outras na beira do Rio São Francisco, praticavam uma cultura onde se combinava a agricultura de caatinga (áreas secas) com a agricultura de vazante (áreas úmidas). Produziam, para sua subsistência, feijão, mandioca, melancia, que vendiam para o mercado regional. Plantavam sobretudo nas áreas de vazante, complementando com uma agricultura de caatinga. Esta combinação era parte constitutiva de todo um sistema de produção e modo de vida que articulava, ainda, a criação de algumas cabeças de gado, cabras, ovelhas e porcos em áreas de criatório comum com a pesca nas lagoas e no rio.

O processo de retirada, como já colocado, foi violento, pois não houve tempo para que buscassem soluções em comum, sendo que no ato da inundação cada qual foi obrigado a escolher por uma das opções oferecidas pela Chesf.

Dentro destas estava a oportunidade de morar em uma das 16 agrovilas, do projeto Serra do Ramalho, à 716 Km de distância de Remanso, onde meu tio Euvaldo foi morar. Segundo este, o transporte da população foi feito em ônibus, as casas eram bem construídas, *“tudo bem arrumado”*, e nos primeiros meses receberam uma ajuda da Chesf, em dinheiro e em sementes para plantar.

Mas como a terra era localizada na caatinga, sem nenhum tipo de tratamento adequado, a plantação se perdia completamente. E com o tempo, os camponeses que foram transportados para longe de suas terras de origem, a maioria de lugares diferentes, não receberam mais nenhum tipo de assistência, chegando ao ponto *“deles comerem até a semente que era para plantar.”*

Dois entrevistados, que vivem hoje da aposentadoria na cidade de Remanso e que moravam no povoado de Riacho, contam que eles viviam como agregados no interior da fazenda, não aceitando a construção da barragem de Sobradinho e, no íntimo, acreditando que as águas não chegariam até as suas terras; continuaram como se nada estivesse acontecendo. Segundo uma das entrevistadas, tiveram que sair com *“a água invadindo sua casa”*, apressados, pois o nível do lago subiu de uma hora para outra, sem que ninguém do povoado fosse avisado.

O resultado é que muitos pertences ficaram debaixo d'água, assim como muitas cabeças de gado, e eles foram praticamente expulsos da terra, indo morar numa casa da Chesf na nova Remanso. Um dos entrevistados, obtendo um lote de 10 hectares na caatinga, luta bravamente contra a seca terrível que assola a região e a total falta de assistência e financiamento por parte do governo. Passa a semana inteira na caatinga, só retornando para casa nos fins de semana. Na última vez que o vi, disse que tinha perdido toda a pequena colheita de mandioca e feijão, mas que iria continuar plantando, *“pois era somente o que queria e sabia fazer.”*

A situação de seu Nilo também é impressionante. Dono de uns 60 hectares de terra, no povoado de Riacho, também não acreditava na inundação, comentava que *“eram só boatos”*. Na recusa completa de sair de suas terras e de aceitar a construção da barragem, saiu retirado por um helicóptero da Chesf, com a água já entrando em sua casa e com muitas cabeças de gado totalmente submersas.

Hoje, seu Nilo ainda não se conforma com a perda de suas terras e conta somente com um filho, pois o restante foi para a cidade grande (São Paulo).

Apesar da aposentadoria, passa a semana inteira nas terras que sobraram na caatinga, plantando mandioca, feijão, mesmo com a incerteza de colher frutos.

João de Moura tinha uma propriedade na qual praticava agricultura de vazante e de caatinga, complementando suas necessidades com a venda de leite, de cera da carnaúba e da pesca praticada o ano todo nas lagoas.

“Seu” João, que nasceu e sempre viveu naquele lugar, não conseguia visualizar a inundação de sua casa e de suas terras (área de várzea e de caatinga). Sofreu pressões insistentes de técnicos da Chesf, até que concordou em ser indenizado somente pelas benfeitorias (principalmente as árvores de carnaúba), pois possuía apenas a posse da terra, e não o título da mesma. Foi encarado pela Chesf como não proprietário, apesar de pagar os impostos ao Incra.

Foram inúmeros os relatos sobre festas, realizadas com o tocador vindo da cidade, que tocava a noite toda, e que duravam dias, pois as pessoas tinham casas na roça, umas perto das outras, e ajudavam-se mutuamente e casavam entre si.

Mas, sem dúvida nenhuma, o que mais afetou as pessoas que entrevistei foi a separação dos familiares, pois, como disse, a maioria morava no mesmo povoado e participava das festas, principalmente as religiosas, muito importantes para os camponeses, como bem está descrito no livro *“Camponeses”* de Margarida M. Moura, no qual ela coloca *“...São os santos e as divindades que dão sentido aos dias especiais. Os feriados nacionais estabelecidos pelo Estado não tem grande significação no meio rural.”* (Moura, 1986, p.22).

Uma das indicações disto é o sentido de perda que transparece nos relatos dos moradores da cidade nova quanto à inundação da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, construída no fim do século XIX e o marco maior da fé da população. Ela era muito importante também para os pescadores, que benziavam suas embarcações no rio São Francisco, em frente à igreja, na ocasião da maior festa da cidade, a de Nossa Senhora do Rosário.

A fé é tão grande que na ocasião em que o rio baixa de nível, a população atual vai até a cidade velha, de embarcação ou a pé, pedir ou pagar alguma *“graça”* à Nossa Senhora do Rosário, mesmo sabendo que só encontrará os vestígios do que foi a igreja no passado.

A igreja construída na cidade nova em nada se parece com a antiga. Em 1983, na ocasião da

minha primeira visita, reparei que era pequena e os santos ficavam numa sala ao lado, e só uma cruz de madeira permanecia no altar, e não tinha mais as pinturas nem os santos, que eu guardava na memória, apreendidos através dos relatos de familiares.

Hoje, através de reivindicações da população, a porta da sala dos santos foi retirada e alguns santos foram colocados no altar e ao seu redor. A festa da padroeira continua como a principal da cidade, e muitos *"filhos da terra"* voltam, para participarem do evento.

Os habitantes da zona rural, e algumas pessoas que moram em São Paulo com condições de irem para Remanso, passam o ano todo esperando pela festa, ocasião em que vestem suas melhores roupas para participarem da missa, que se transforma numa confraternização com familiares e amigos.

No ano de 1993, tive a oportunidade de participar dos últimos dias dos festejos, apesar de ter muita gente estranha, segundo minha avó (paterna), e da festa ser utilizada como evento turístico e político pelo poder local. Percebi que todos participam ativamente.

A festa passou a ser um meio das pessoas, que foram separadas na ocasião da barragem, conversarem, matarem a saudade e lembrarem o passado, como explicou minha tia Morenita, *"...antes com a igreja velha era muito mais bonito, pois as embarcações ficavam todas em frente à igreja, iluminando rio São Francisco e a cidade."*

"Agora se eu pudesse..."

...

A fazenda tão querida
De meus queridos avós
Ali só tinha fartura
Trago isso na memória
Todo mundo era bem vindo
La no Riacho de fora

Todo mundo conhecia
O senhor João de Moura
Um homem muito querido
Um homem trabalhador
Ali eu tinha orgulho
Por ser ele meu avô

Ali só tinha fartura
E também muita bondade,
Não pensava no futuro

Hoje lembro do passado,
Por isso tenho saudades,
Da terra que fui criado. "
(Moura, 1993, p. 43)

No poema fica presente a saudade da terra onde o poeta foi criado; ele traz na memória a fazenda do seu avô, as relações de vizinhanças, a fartura de alimentos etc. Mas se analisarmos com cuidado as condições de vida da população de Remanso, veremos que, antes da inundação, ela também possuía enormes contradições. Estava presente a exploração dissimulada na condição de agregados, e a grande maioria que morava e trabalhava no campo cultivava a terra mediante o pagamento da renda em produtos ou prestação de serviços; no caso do povoado do Riacho, era o beneficiamento da cêra de carnaúba e a criação de gado para os grandes proprietários, além do voto na época de eleição.

Um migrante em S. Paulo, na falta de mecanismo que lhe possibilite perceber, transformar e se integrar em todos os sentidos da vida às possibilidades do espaço concreto, tenta no seu cotidiano (vivido), recuperar, reviver o convívio com parentes e amigos, reproduzindo o seu modo de vida do passado.

Analisando o presente, tanto da cidade de Remanso como de São Paulo, temos consciência de que elas fazem parte do desenvolvimento desigual do capitalismo, em que as forças produtivas, as relações sociais, as superestruturas (políticas, culturais) não avançam igualmente, simultaneamente, no mesmo ritmo histórico. (Martins, 1996, p.17).

Portanto, dentro de uma visão horizontal da vida social, temos uma descrição do visível, em que há um desenvolvimento do sistema capitalista desigual. Se nos aprofundarmos em uma visão vertical, perceberemos, que, dentro desse espaço, coexistem tempos diferentes, portanto, cotidianos, e onde o percebido, concebido e vivido fazem de fato a combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas. (Martins, 1996, p. 21).

Com esta perspectiva, tentamos recuperar o presente no bairro de Pirituba, mais precisamente onde vivem pessoas que tiveram de migrar da cidade de Remanso para São Paulo. A cidade grande, com seu ritmo intenso, aparece altamente abstrata, pois a história de vida que estas pessoas tiveram vinha de um cotidiano completamente diferente; a maioria trabalhava na zona rural e mantinha rela-

ções de vizinhança com parentes e amigos, como diz meu tio: *"eles eram donos do seu próprio tempo."*

Inseridas em um outro espaço, que impõe um ritmo diferente para as famílias, estas produzem e reproduzem as relações sociais de acordo com seu cotidiano vivido no passado, e, desta forma, todos hoje moram perto uns dos outros em Pirituba, pois é neste espaço que reproduzem no cotidiano (vivido) as relações sociais do passado.

Portanto, no bairro de Pirituba (zona oeste) da cidade de São Paulo, é comum todos se encontrarem na lanchonete da esquina, principalmente os homens, para conversarem seja sobre esportes seja sobre o cotidiano da família, tanto em São Paulo como em Remanso. As mulheres se reúnem principalmente em casa, conversam sobre televisão, festas e o cotidiano vivido em família. Os chegantes falam com frequência de suas vidas em Remanso, e estão juntando todo dinheiro para passarem lá as férias do ano que vem ou a festa de outubro, da Nossa Senhora do Rosário..

O lazer preferido e possível é, sem dúvida, uma feijoada ou um churrasco no domingo, quando todos se encontram, inclusive com a presença de primos nascidos em São Paulo e que dividem estas reuniões com danceterias do centro da cidade.

Percebemos, através do cotidiano, que estas populações não comentam sobre seu trabalho na indústria ou no comércio, não percebem a dimensão da importância do seu trabalho no cotidiano, não percebem que esse trabalho está inserido na construção da cidade, ocorrendo, assim, a separação do homem e sua obra, pois tanto o homem como sua obra são capturados pelo capital, transformados em mercadoria. (Marx, 1981, p. 125).

Na cidade de Remanso, por sua vez, o que pude perceber é que na construção da barragem de Sobradinho, a intervenção do Estado poderia ter representado a libertação de agregados da subordinação, via moradia, pelo menos para aqueles que se aglutinavam em novos povoados situados fora das fazendas. "Este fato, no entanto, não é objeto de reconhecimento por parte daqueles camponeses...que insistem em afirmar que antes a vida era liberta." (Sigaud, 1987, p. 225.)

Podemos constatar, pelos exemplos já citados, que os lotes que receberam da Chesf estavam todos localizados na caatinga. As pessoas, além de não terem a possibilidade de plantar com a combinação caatinga/vazante, foram drasticamente separadas do seu núcleo de convívio e de seus parentes.

Na pesquisa que realizei na cidade de Remanso, constatei que a maior parte dos habitantes é aposentada através do Sindicato Rural. As aposentadorias são as maiores fontes de renda da cidade, pois esta até hoje não possui indústria e nenhum projeto de irrigação de grande porte. Os jovens da cidade sofrem com a falta de perspectiva e de opção de trabalho e são altamente influenciados pela televisão, sendo que o único sonho e possibilidade que visualizam é virem para São Paulo, pois na cidade, que vive praticamente do consumo, via dinheiro da aposentadoria e da venda de produtos de subsistência, não conseguem alternativas para sobreviverem.

A visão do Estado, por sua vez, não diferenciou-se muito da visão do engenheiro Eunápio Peltier de Queirós, já citado. Um exemplo foi a entrevista realizada em 1993 com o engenheiro que controlava, e controla até hoje, o nível da água do lago. Ele dizia, na ocasião, que o local escolhido para a barragem se deu por ter *"poucas pessoas no local, portanto não causaria muitos transtornos."* Um dos problemas que a empresa enfrenta é *"a insistência de algumas pessoas que já foram devidamente indenizadas e continuam plantando no borda do lago, sujeitas a perderem tudo, pois o nível d'água aumenta ou diminui de acordo com a necessidade das hidrelétricas, mas o problema que preocupa mais é a crescente formação de bancos de areia no lago..."*

Fica claro, então, que, apesar de já terem se passado 19 anos as pessoas e suas necessidades ou reivindicações são detalhes insignificantes frente ao mais importante, que é a produção de energia. O que transparece, na verdade, é o desenvolvimento desigual do capitalismo, no qual o capital avança sobre a terra em extensão e profundidade, redefinindo as noções e as práticas do tempo e do espaço, o que não poderia fazer sem a dominação política. (Seabra, 1996, p. 15).

Na cidade de Remanso, como na de São Paulo, há uma percepção de distanciamento e incompatibilidade entre o espaço vivido e a ação do Estado, como se no cotidiano este tivesse pouca importância, pois as pessoas sempre foram excluídas do agir e do interferir da ação do Estado, não interferindo assim também na construção da Barragem de Sobradinho e na falta de serviço básicos de infraestrutura que sofrem no dia-a-dia.

"O estado não representa nada para essa população no sentido de que ela possa visibilizar nele uma interlocução, uma necessidade, ou uma possibilidade de enfrentamento." (Iokoi, 1996, p.141)

O Estado, por sua vez, captura e expande esse desencontro de temporalidades e exclusão dessas relações sociais em benefício de si próprio e do capital. Mas, ao mesmo tempo em que a população sofre este processo de exclusão no âmbito político, reproduz no espaço vivido relações sociais, e, como não há reprodução sem uma certa produção de relações, não há repetição sem uma certa inovação. (Martins, 1996, p. 22).

É justamente nesta inovação que se manifesta, dentro de uma relação tempo e espaço, no vivido desta população, a possibilidade de uma prática, na qual sejam recuperadas a humanização e a valorização dos seres humanos.

Para isto, um dos meios é recuperar a história das memórias plurais e não a história linear que vem do projeto de dominação do vencedor. Temos que pensar "quais foram as interlocuções, as pequenas vitórias, as relações desses grupos sociais sobre o projeto de dominação." (Iokoi, 1996, p.142). Portanto, temos que desenvolver estratégias e análises

que dêem a devida importância e dimensão a estas pequenas vitórias, e que mostrem as reações desses grupos sociais. É através dessas pequenas vitórias que resgato as modificações feitas na igreja nova, a insistência dos moradores em plantar mesmo em péssimas condições, ou na borda do lago, onde é proibido, de voltarem à cidade velha quando esta reaparece, ou quando grupos de imigrantes em São Paulo reproduzem e produzem nos espaços vividos novas formas de relações sociais no cotidiano.

São estes pequenos movimentos que mostram que a história não é linear e nem homogênea, mas repleta de pequenas vitórias e derrotas, que modificam, transformam o espaço em uma permanente coexistência de modos, mundo, relações, concepções, que não são por sua vez contemporâneas. É na produção e reprodução deste espaço vivido que as pessoas se afirmam como sujeitos da história e onde nasce a possibilidade de uma práxis revolucionária (Martins, 1996, p. 23).

BIBLIOGRAFIA

- CENTRU. *Poder e Participação Política no campo*. São Paulo, Edição da Cerifa Ltda, 1987
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. "Os Dilemas Históricos da Questão Agrária no Brasil" In: *Terra-Livre AGB nº 11-12*, São Paulo, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona, Península, 1971.
- _____. *La production de l' espace*. Paris, Antropos, 1974.
- MARX, Karl. *Manuscritos; economia y filosofia*. Madrid, Alianza, 1981.
- MARTINS, José de Souza. *O Subúrbio*. São Paulo, Editora Hucitec, 1992
- _____. "As Temporalidades da História na Dialética de Lefebvre" In: *Henri Lefebvre E O Retorno À Dialética*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- MOURA, Margarida M. *Camponeses*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- MOURA, Ronildo Alves. *Destino Sobre Quatro Rodas*. São Paulo, UNG, 1991.
- MOURA, Rosicleide A. *Remanso: A Questão do Tempo e Espaço*. Trabalho de Graduação Individual, Departamento de Geografia da FFLCH-USP, 1993.
- SEABRA, Odette C.de Lima. "A Insurreição do Uso" In: *Henri Lefebvre E O Retorno À Dialética*. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- SIGAUD, L.; COSTA, A.L.M.; DAAU, A.M. "Expropriação do campesinato e concentração de terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política energética do Estado" In: *ANPOCS. Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Vértice/ANPOCS, 1987

Endereço do autor: Rosicleide Alves Moura

UFG Departamento de Geografia Campus Avançado de Jataí Rua Riachuelo, 1530.
Caixa Postal 03
CEP: 75800-60 Jataí Go